

**PICS, CONTROVÉRSIAS E AS METÁFORAS DA VIDA COTIDIANA:
UM BREVE ENSAIO EPISTEMOLÓGICO.**

Erik Fernando Miletta MARTINS
(Orientador): Prof. Dr. Edson Françaço

RESUMO: No texto que segue, houve um empreendimento que busca caracterizar a teoria da metáfora conceptual (Lakoff & Johnson, 1980) enquanto um Programa de Investigação Científica (Lakatos, 1998); dentro deste quadro, há a tentativa de enxergarmos pelo menos uma controvérsia epistemológica (Dascal, 1994) que pode dar base a três vertentes atuais que, distinguidas pela literatura atual sobre o assunto (McGlone, 2007), divergem sobre qual o papel da percepção sensório-motora na estruturação das metáforas conceptuais responsáveis pela compreensão e produção da linguagem figurada.

Palavras-chave: Psicolinguística – epistemologia – metáfora

Introdução

A tradição que situava a metáfora como uma figura de retórica responsável pelos ornamentos da linguagem que deveriam ser evitados em uma linguagem que se propusesse objetiva (Cf. Aristóteles apud McGlone, 2007), começou, no séc. XVIII a apresentar certas modificações, quando alguns pensadores começaram a questionar as definições aristotélicas da metáfora e seu *locus*, seja ele tanto na linguagem ordinária quanto na científico-filosófica. Giambattista Vico¹ talvez seja um dos primeiros filósofos que buscaram apontar a primazia da metáfora na linguagem de um modo geral. Mas é em Nietzsche, na obra *Verdade e mentira em sentido extra-moral* (1873), que podemos enxergar uma defesa veemente de tal postura.

Este movimento filosófico nos fornece alguns indícios do surgimento de sistemas de pensamento que vêm a sustentar as primeiras considerações científicas sobre a metáfora como objeto fundamental, sincrônica e diacronicamente, em diversos aspectos das línguas naturais. O seu caráter onipresente é acentuado no texto *Essai de Semantique* (1899), de Bréal², no qual é defendida a idéia de que esse recurso da linguagem, além de traço fundamental, é um dos principais dispositivos na mudança linguística. Richards³

¹ O título de uma de suas obras já demonstra uma proposta diferente da tradicional: *Ciência Nova* (1725).

² BRÉAL, M., 1899. *Essai de Semantique*. Librairie Hachette, Paris.

³ RICHARDS, I.A., 1936. *The Philosophy of Rhetoric*. Oxford University Press, Oxford.

(1936), ao adotar perspectiva semelhante, contribui fundamentalmente para o estudo científico da metáfora ao introduzir uma terminologia que até hoje vem sendo utilizada em alguns dos ramos de estudos deste objeto: os conceitos de “tópico” (o termo ao qual se aplica o termo metafórico) e “veículo” (o termo metafórico).

Black⁴ (1962), na esteira de Richards, é o responsável pela idéia de que a metáfora não é apenas uma questão de sentido das palavras, mas antes uma questão conceptual, favorecendo o surgimento das propostas científicas que serão foco deste ensaio.

As metáforas da vida cotidiana

A discussão entre linguagem e cognição, mais especificamente entre metáfora e cognição, é assinalada em Lakoff & Johnson (1980, 2002), texto clássico no qual os autores postulam que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”⁵ (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 2002; 48), entendendo que “metáfora significa conceito metafórico” (Idem; 48). Ao unir a questão da objetividade com a da subjetividade, propõem uma síntese experiencialista; uma metáfora seria uma “racionalidade imaginativa” (Ibidem; 302). Isso significa dizer que “os nossos raciocínios diários envolvem implicações e inferências metafóricas: a racionalidade ordinária é, pois, imaginativa por natureza” (Ibidem; 302).

Para os autores, há uma separação entre metáforas conceptuais, que organizam nosso modo de representar e categorizar o mundo, e as metáforas lingüísticas, que correspondem à materialização da estrutura conceptual subjacente. As metáforas conceptuais são, a título de formalização, representadas em letras maiúsculas; por exemplo, a metáfora conceptual, DISCUSSÃO É UMA GUERRA, daria base às metáforas lingüísticas como “se você usar esta *estratégia*, ele vai *esmagá-lo*”. Desta maneira, a maioria dos autores que adotam esta teoria utiliza o termo *metáfora* para as metáforas conceptuais, e *expressões metafóricas* para as realizações lingüísticas consideradas metafóricas (LAKOFF, 1993: 5).

Lakoff & Johnson (1980, 2002) classificam cinco tipos de metáforas conceptuais: i) *estruturais*, responsáveis por estruturar um conceito metafórico a

⁴ BLACK, M., 1962. *Models and Metaphors*. Cornell University Press, Ithaca, NY.

⁵ Tal postulado pode ser captado já em Black (1962), que alega que o fenômeno metafórico se dá na relação do tópico “em termos de” ou “ver como”, ou seja, a metáfora para este autor é uma questão de perspectiva, de projeção. No entanto, a sistematização desta idéia, considerada vaga demais, vem a ser trabalhada de forma profunda e sistemática no texto de Lakoff & Johnson (1980), daí o seu caráter seminal (Cf. MCGLONE, 2007)

partir de outro (DISCUSSÃO É GUERRA); ii) *orientacionais*, responsáveis pela organização de todo um sistema de conceitos com relação a outro (PARA CIMA/PARA BAIXO); iii) *convencionais*, responsáveis pelo sistema conceptual ordinário de nossa cultura, o qual se reflete em nossa linguagem do dia-a-dia; iv) *ontológicas*, referentes à nossa experiência com objetos físicos e substâncias; v) de *personificação*, que permitem compreender experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.

Por decorrência dessas relações de ordenação entre as estruturas supracitadas, a teoria destes autores encontra um de seus mais fortes argumentos na idéia da “economia cognitiva”⁶, que, *grosso modo*, afirma que a mente humana se apropria, ou empresta, certas estruturas semânticas de conceitos considerados mais simples para organizar os aspectos de conceitos mais complexos. Os conceitos simples seriam, segundo Lakoff (1993), as categorias “superordenadas”, ou seja, categorias que no processo de mapeamento realizado durante a realização/interpretação de expressões metafóricas estão situadas em um “nível superior” do processo cognitivo; “... *são as categorias superordenadas que são usadas no mapeamento...*” (LAKOFF, 1993: 7)

De um ponto de vista computacional, a representação dos conceitos complexos seria demasiado dispendiosa se estruturados de maneira particular. Haveria então uma organização em torno de conceitos simples que estruturam e dão base conceptual através de um mapeamento de experiências concretas acumuladas e “expostas” na língua através das expressões metafóricas, tais como AMOR É UMA JORNADA/VIAGEM, uma experiência concreta “viagem” que dá base a uma experiência abstrata, o “amar”.

Tem-se assim que o significado metafórico advém antes da memória do que de uma contínua construção, além de seu sentido poder ser derivado de uma única estrutura conceptual, geralmente construída/formulada/conceptualizada através de um paradigma da experiência.

Devemos aqui definir com maior precisão o que os autores entendem por experiências, que são estruturas multidimensionais que caracterizam *gestalts* de dois tipos; experienciais, que são os conjuntos estruturados nas experiências humanas recorrentes; multidimensionais, as maneiras de se organizar as experiências em blocos estruturados.

Observa-se, no entanto, que há hoje pelo menos três tendências (MCGLONE, 2007), (MURPHY, 1996) dominantes em torno da discussão das metáforas conceptuais; a primeira, considerada a versão “forte”⁷, basicamente,

⁶ Cf. MILLER, G.A., JOHNSON-LAIRD, P.N., 1976. *Language and Perception*. Harvard University Press, Cambridge, MA.

⁷ Lakoff & Johnson (1980) e Lakoff & Turner (1989) seriam os principais representantes dessa versão.

entende que conceitos que não partem de nossa experiência corpórea (sensório-perceptuais) não possuem estrutura própria, mas, para sua representação, necessitam de um conjunto de mapeamentos “primários”, i.e sensório-perceptuais. Um exemplo seria o mencionado anteriormente (AMOR É UMA VIAGEM/JORNADA), no qual haveria a base “primária”, guerra/confronto, que sustenta as nossas concepções de discussão, um conceito abstrato.

Por outro lado, há a versão “fraca”, que tem o trabalho de Murphy (1996) como um dos mais representativos, na qual as experiências corpóreas não são a condição *sine qua non* para a representação de conceitos abstratos. Nesta versão, as experiências corpóreas influenciam as representações abstratas, mas não são necessariamente sua condição primeira de existência. A metáfora continua a ter papel importante, de caráter causal, na organização de conceitos abstratos, mas o conceito abstrato não é metafórico *per se*.

A terceira versão, que podemos considerar “mais fraca”, é adotada por Gibbs (2004, 2006), que entende que a organização de conceitos abstratos não se dá nem por uma relação direta com conceitos concretos, como na versão “forte”, tampouco recebe influência indireta destes, como na versão “fraca”. Nesta visão “mais fraca”, as metáforas conceptuais fazem parte do conhecimento sobre o qual o falante opera na criação de conceitos abstratos, assim, o papel da metáfora conceptual serve muito mais como uma base processual⁸ para a compreensão das metáforas lingüísticas do que necessariamente sua base de criação/interpretação. Desta forma, “as metáforas conceptuais sustentam o processo cognitivo pelo qual nós entendemos a linguagem figurada” (MCGLONE, 2007; 116).

Cabe-nos, pois, buscar entender se tais divergências com relação ao papel das experiências sensório-motoras na estruturação das metáforas podem trazer à tona aquilo que Dascal (1994) entende por controvérsia, após caracterizarmos a teoria acima exposta enquanto aquilo que Lakatos entende por “programa de investigação científica”.

Lakatos e os programas de investigação científica

Para podermos afirmar que as investigações acima expostas podem ser configuradas como parte de um mesmo programa de investigação científica (PIC), devemos antes explicar o que vem a ser o PIC, para depois podermos traçar quais das suas categorias serão focadas para o interesse deste trabalho.

⁸ Como se nota no texto de Gibbs *et al.* (2004), este ponto de vista defende que “.. parte significativa da linguagem metafórica é motivada pela experiência corporal”

Justificamos a presença deste modelo com base na idéia de que a Lingüística, enquanto ciência recém institucionalizada (FRANÇOZO & ALBANO, 2004) não poderia ser enxergada através da teoria de Kuhn pelo fato de que ela poderia influenciar os pesquisadores da área, ao serem seduzidos pela idéia de que estão realizando uma revolução, fato que influencia na presença de argumentos e teorias que são construídas sob o espectro da negação sistemática da sua rival, uma vez que, em contraposição às ciências há muito institucionalizadas, nas quais o discurso historiográfico pouco ou quase nada afeta as especulações e teorias, existe um peso historiográfico muito relevante na criação e aplicação de teorias nestas. (FRANÇOZO E ALBANO, 2004: 303).

Lakatos, ao realizar um empreendimento epistemológico que buscasse entender como se dá o processo científico de um modo geral, propõe uma construção racional da história da ciência, isto é, uma teoria acerca dos desenvolvimentos das teorias de forma a explicar quais são os movimentos realizados na construção do conhecimento objetivo através do que chamou de PIC. Tal ferramenta seria ainda capaz de delimitar o que é científico do que é pseudocientífico.

Podemos caracterizar o PIC através de três elementos essenciais para sua demarcação: i) a presença de um núcleo de idéias convencionalmente aceitas, imutáveis, uma “questão de fé”, na qual é depositada a confiança em um conjunto de teorias que tenham a mesma base; ii) a presença de um “cinturão de defesa”, na qual encontramos as hipóteses auxiliares (“questões de razão”) ao núcleo, mais passíveis de mudanças; iii) a presença de um mecanismo de “digestão” de possíveis anomalias às teorias, pondo-as de lado ou incorporando-as (enquanto o PIC agüente seu ímpeto), uma heurística, responsável pela definição dos problemas, pela construção do “cinturão de defesa” e também pela própria previsão de anomalias.

Há, desta maneira, diversos PICs coexistindo, que muitas vezes olham para um mesmo objeto sob perspectivas diversas, e um só é considerado superior, ou melhor, que o outro, por sua racionalidade; sua capacidade de abarcar e ampliar explicações para fatos e predições de PICs anteriores, de forma melhor, mais econômica.

O PIC das metáforas

Proveniente de um descontentamento com as propostas gerativas que atribuíam autonomia plena à sintaxe, mas ainda aceitando o fato de a linguagem é estruturada logicamente, George Lakoff era um dos defensores da semântica gerativa, que propunha que o papel central da linguagem estaria na semântica, e

não na sintaxe, tal qual as propostas de Chomsky, pai do PIC gerativista⁹. Em um segundo momento, em um período de hegemonia das teorias que relegavam autonomia à sintaxe logo após o “fracasso” da semântica gerativa, temos, em 1980, o lançamento da obra *Metaphors we live by*, marco fundacional daquilo que vem sendo chamado de semântica cognitiva, uma visão que inverte totalmente um dos principais postulados da teoria de Chomsky; a lógica não seria uma categoria que embasa a linguagem (evitando também um *a priori* que estaria atribuído à uma lógica universal), ao contrário, seria a lógica uma consequência da linguagem, ou seja, é a lógica que se estrutura através da linguagem natural, e não o contrário, ou, de acordo com Gibbs (2006): “...as estruturas formais da linguagem são estudadas (...) como reflexos da organização conceptual geral, dos princípios da categorização e dos mecanismos de processamento” (GIBBS, 2006, p. 2)

Tais argumentos nos mostram porque as teorias atuais da metáfora constituem um PIC próprio, uma vez que uma das “questões de fé” do programa gerativista foi posta em cheque, e que, como resultado do impacto dos contra-argumentos chomskianos, foi necessária uma nova proposta, na qual novas “questões de fé” estariam nascendo, diferentes em forma e conteúdo filosófico e empírico.

Assim, devemos caracterizar este novo PIC, com base na idéia de que é possível detectar controvérsias internas a ele:

- Constitui o seu “núcleo duro”, ou “questão de fé”, a idéia de que a linguagem, em especial a que trata de conceitos e experiências abstratas, não é resultante de uma lógica nascida com os falantes de uma língua, mas o resultado de um conjunto de mapeamentos acerca de conceitos primários, concretos, que servem de base para estruturar conceptualizações acerca de experiências abstratas. Como afirma Pires de Oliveira:

Um exemplo da inversão proposta pela semântica cognitiva é a descrição dada ao silogismo clássico, do tipo “Todo homem é mortal; João é mortal, logo ele é homem”. Lakoff (1992) defende que o raciocínio inferencial presente neste silogismo ganha sentido via nossas experiências corpóreas de estar dentro de um certo recipiente. É o esquema imagético gerado por essa experiência que dará suporte aos raciocínios lógicos (Pires de Oliveira, 1999; 311)

- As hipóteses auxiliares seriam resultantes da idéia central acima exposta; as três vertentes atuais explicadas na introdução do texto, apesar de suas diferenças, constituem-se enquanto auxiliares, por não atacarem a idéia

⁹ Para a caracterização da proposta de Chomsky com relação à linguagem em uma perspectiva lakatiana, remetemos ao leitor à leitura de Neto, J.B. “O empreendimento gerativo”, In Introdução à Lingüística Vol. 3 – fundamentos epistemológicos, Cortez, São Paulo, 93-130.

central; trabalhos como os de Gibbs et al (2004) Steen¹⁰ (2004) (enquanto investigações empíricas que fornecem evidências da existência de metáforas conceituais), Lakoff (1993), Kovecses¹¹ (1990), Sweetser¹² (1990), (enquanto investigações teóricas sobre o assunto) seriam bom exemplos de criações de cinturões de defesa do PIC da semântica cognitiva,

- Dada a manobra argumentativa aqui realizada, a heurística de tal programa, que está na base de qualquer das vertentes teóricas, cria argumentos-base para possíveis ataques, em um nível “monológico”; o nível dialógico seria onde encontramos os debates que compõem tais diferenças.

Uma vez caracterizado o PIC da semântica cognitiva, cabe-nos ver se as vertentes aqui apontadas apresentam ao menos uma controvérsia científica realizada naquilo que entendemos como “nível dialógico” decorrente da heurística do programa, de forma a criar novas e diferentes teorias auxiliares. Adiantamos que, para a especificação precisa das diversas controvérsias que geraram as divergências teóricas expostas no início do texto, seria necessário tomar por base um *corpus* específico, como mesas de debate e/ou artigos que se constituem como ataque ou réplica teórica, que nos forneceria dados passíveis de análise pragmática; caber-nos-á, mais especificamente, explicar em que medida essas divergências surgiram de uma controvérsia sobre o papel da estruturação perceptual na metáfora.

Da controvérsia

Admitiremos, para a realização de nossa investigação, que existe a possibilidade de enxergarmos evidências da presença de controvérsias científicas (Cf. Dascal, 1994) no modelo geral de filosofia da ciência proposto por Imre Lakatos. Embora para Dascal essa proposta é capaz de detectar apenas o que ele entende por “disputas” e “discussões”, acreditamos que se observarmos os resultados das produções e recepções (como nas divergências aqui apresentadas) daquilo que Lakatos denominou “cinturão de defesa”, estaremos diante do fenômeno de uma controvérsia que ainda não se resolveu nas teorias contemporâneas sobre a metáfora conceptual.

Uma discussão, segundo este autor, é um tipo de polêmica cujo objeto é um tema ou problema bem definido, ou seja “a raiz do problema é um erro

¹⁰ STEEN,G. (2004) “Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition?” *Journal of pragmatics*, 36, 1295 – 1313.

¹¹ KOVECSSES,Z.,1990.*Emotion Concepts*.Springer,NewYork.

¹² SWEETSER, Eve.1990. *From etymology to pragmatics: The mind-body metaphor in semantic structure and semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press

relativo a algum conceito ou procedimento (...) num campo bem definido” (DASCAL, 1994: 79). As discussões, desta maneira, são passíveis de *solução*.

A disputa, por sua vez, assemelha-se à discussão na medida em que o seu objeto parece ser bem circunscrito; a diferença consiste na idéia de que esta não está baseada em um erro, mas é derivada de “uma diferença de atitudes, sentimentos, ou preferências” (*Idem*), que pode não ter solução “interna”, ou seja, os contendentes não a resolvem, a não ser no caso de recorrência a uma instituição, como um tribunal.

Já a controvérsia seria um tipo de polêmica que estaria entre a disputa e a discussão, na medida em que pode partir de uma questão específica e expandir-se a outros problemas, revelando divergências profundas entre os contendentes, ao evidenciar que envolvem tanto questões mais propriamente de atitude e preferência, quanto aponta para desacordos sobre os métodos vigentes de solução de problemas. Assim, “As controvérsias não se ‘solucionam’ nem se ‘dissolvem’, senão que se resolvem” (*Idem*), tal resolução pode advir do reconhecimento de que se acumulou peso argumentativo suficiente a favor de uma das posições, ou do aparecimento de posições intermediárias, ou do esclarecimento recíproco da natureza das divergências.

As controvérsias, elemento que buscaremos inserir na teoria de Lakatos, possuem seis características essenciais:

1. Não ficam confinadas aos problemas iniciais que as motivam, ampliam-se rapidamente em extensão e profundidade das divergências

2. Ao ampliarem-se, dão margem a questionamentos dos pressupostos básicos adotados pelos contendentes, sejam factuais, conceituais, ou metodológicos.

3. O aspecto hermenêutico: é a questão da interpretação correta dos dados, das teorias, do *status quaestionis*, e da própria linguagem envolvidas na polêmica. Dascal aponta que aqui podemos entrever o papel da “distorção”; uma versão equivocada de uma teoria, de acordo com seu defensor.

4. A ‘abertura’: resultante dos três fatores acima descritos, é a característica mais importante de uma controvérsia científica, pois é o campo dinâmico da ciência, onde se pode perceber que: a-) não se sabe para onde ela nos vai levar, b-) dificilmente se restringe a uma disciplina, c-) revela divergências profundas acerca dos significados dos conceitos, métodos e fatos até então aceitos por uma comunidade científica. d-) Ao situar a controvérsia em uma perspectiva dialógica, não é possível observar com antecedência quais e quantas são as possíveis objeções acerca de uma polêmica. e-) preparam o terreno para inovações radicais, ao convidarem o surgimento de novas propostas em qualquer âmbito científico.

5. O aspecto conseqüente à abertura; o seu fechamento. Para Dascal, o fechamento de uma controvérsia é resultante de sua resolução, por parte dos

contendentes, através de ‘consensos’ e/ou ‘negociações’, na medida em que “seu poder de decisão é contingente (e, portanto, provisório)”. É nessa medida que temos uma tipologia intermediária, mais aberta que os algoritmos que solucionam as discussões, e não arbitrário como no caso das disputas. Quando não resolvidas, as controvérsias ainda são tidas como produtivas, pois, “contribuem, no plano cognitivo ou epistêmico para (...): esclarecimento dos problemas, reconhecimento de dificuldades ou divergências conceituais ou metodológicas, reorientação do esforço da pesquisa...” (*Idem*: 83).

6. Mesmo não sendo regidas por normas e regras codificadas, a abertura proporcionada pelas controvérsias não é anárquica, isto é, existe um princípio de sistematicidade por trás delas, que, na proposta do autor, devem ser sanadas pela Pragmática, a teoria dos usos da linguagem.

Diálogos?

Devemos, com base no quadro exposto, discutirmos a idéia de inserirmos a noção de controvérsia dentro do PIC de Lakatos; para tal faz-se necessária a exposição da crítica que Dascal elabora com relação ao ‘pré-formismo’ próprio da idéia de PIC.

Uma característica da heurística do PIC consiste na idéia de que ela prevê e digere anomalias; por prever, decorre o fato de que seus argumentos (“monológicos”) surgem de forma indutiva, ou seja, já se sabe de antemão o que a teoria não abarca, e, por isso, os membros de um PIC possuem capacidades planificadoras e preditivas com relação à eficácia do ponto de vista que adotam, de forma que sabem *a priori* quais serão alguns de seus contra-argumentos e suas etapas de desenvolvimento.

Diante disso, seria simplesmente impossível atribuir papel às controvérsias no PIC. No entanto, cremos ser possível nos desviar das constatações de Dascal, pois, ao adotarmos uma versão “revista” do PIC, podemos, dentro das polêmicas internas a um PIC, argumentar na direção de que é possível atribuir à sua heurística, um papel mais dinâmico e menos normativo.

Se evitarmos a idéia de que não cabe à heurística apenas prever anomalias – ao criar argumentos-base que possam funcionar a curto e médio prazo através de resultados indutivos da própria teoria (nível monológico da teoria), e fortalecer o “cinturão de defesa” ao apresentar diferentes correntes dedutivas de uma mesma teoria – podemos observar que é nela que também deve se situar a controvérsia, pois esta revela não só as simples discordâncias sobre seus métodos e conceitos, mas assinala para diferenças que acarretam em diferentes proposições sobre um mesmo fenômeno.

Consideramos que tais proposições não estão apenas circunscritas a um conjunto específico de problemas, mas revelam a instabilidade das “questões de razão” de um PIC, bem como preenchem a maior parte dos requisitos acima descritos para caracterizarmos uma controvérsia, em especial no tocante à natureza da necessidade de acúmulo de argumentos para que sejam resolvidas, fato que descreveremos a seguir.

Há controvérsias?

Uma possibilidade interessante de localizarmos essa controvérsia dentro deste PIC consiste, inicialmente, em enxergarmos algo que começou como uma discussão, pois apresenta um problema circunscrito (o papel das estruturas sensório-motoras na composição da metáfora) que possibilitou o surgimento de pontos de vista substancialmente diferentes, ou seja, não ficaram a ele presos: Gibbs (2006) aponta-nos para trabalhos que criticam a teoria por esta não conseguir explicar a aparente diferença de que certas metáforas possuem diferenças em sua maneira de embasar as experiências (Por exemplo, na metáfora MORE IS UP, há um processo de embasamento que seria bem diferente de LOVE IS A JOURNEY).

Aponta-nos também que tal teoria não explica porque certos componentes do domínio fonte são menos improváveis de aparecerem em expressões metafóricas, como no caso em que soaria estranho “*essa teoria não tem janelas*”, apesar do fato de que TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES/PRÉDIOS (GIBBS, 2006: 8). Para o caso dos componentes não explicados, Grady (1997) propõe a existência de *metáforas primárias* e de *metáforas complexas*; as primeiras seriam as responsáveis por estruturar o caráter genérico das metáforas, de forma que elas seriam restritivas às experiências “secundárias”, ou seja, não é qualquer experiência sensório-motora que dá base à metáfora, mas sim um conjunto de bases independentes e diretas da experiência.

Acreditamos, pois, que aí temos o foco de pelo menos uma grande controvérsia, pois elas não foram solucionadas como no caso da discussão (embora dela tenha surgido. Cf. DASCAL, 1994), mas são as responsáveis pela criação de diferentes vertentes teóricas dentro deste PIC; a inexplicabilidade da teoria frente a fatos como os acima expostos abriu a porta a especulações acerca do tema; enquanto uns defendem que a metáfora conceptual é responsável por estruturar o conceitos abstratos de forma direta, outros defendem que ela possui um importante papel na realização de expressões metafóricas, mas não são sua condição essencial, ou seja, existem ainda outros fatores cognitivos responsáveis pela estrutura da metáfora. Uma via alternativa a estas duas nos

diz que as metáforas influenciam não a estrutura metafórica, mas o processo que lhe é próprio.

Sustenta-se, pois, que a recepção de *Metaphors we live by* e trabalhos subsequentes de Lakoff é uma das principais fontes de divergências teóricas importantes para este PIC¹³, divergências que, como pudemos observar, não são passíveis de soluções, mas conformam a base de interpretações substancialmente diferentes sobre o que vem a ser a metáfora, o seu *locus* na linguagem e qual o papel que as experiências sensório-motoras têm nestes casos, apresentando-nos um terreno fértil no qual vemos: i) diferenças profundas acerca dos principais conceitos, métodos e fatos que compreendem as teorias contemporâneas da metáfora; ii) embora as “questões de fé” (principalmente a onipresença da metáfora enquanto sistema de sustentação da linguagem abstrata) deste programa tenham sido preservadas, fica claro que existem divergências, acentuadas pelo caráter dialógico dos artigos aqui expostos, que se revelaram muito mais próximas de uma controvérsia do que de uma discussão¹⁴ e que não serão resolvidas por algoritmos (como no caso de discussão) nem por instâncias jurídicas (como no caso da disputa) mas sim pelo peso argumentativo que será acumulado por cada uma das partes.

O ensaio apresentado, longe de alertar para um enfraquecimento deste PIC¹⁵, aponta que, por serem nascidas necessariamente de diálogos entre pessoas que adotam um mesmo núcleo de investigação, existem possíveis locais de análise de controvérsias científicas no modelo filosófico de ciência proposto por Imre Lakatos, pois fornecem elementos argumentativos que vão sendo acumulados (pouco importando o ponto de vista adotado) em favor da teoria com um todo, fortalecendo a sua heurística.

Referências Bibliográficas:

- DASCAL, M. (1994) “Epistemologia, controvérsias e pragmática” In *Revista da SBHC*, N. 12, 73-98
- FRANÇOZO, E. & ALBANO, E.C. (2004) “Virtudes e vicissitudes do cognitivismo, revisitadas” In *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, Vol. 3, São Paulo, Cortez. 301-311

¹³ Embora não tenha sido o escopo do trabalho, seria interessante notar que as controvérsias podem ser observadas também no processo de desenvolvimento interno de PIC's rivais, como no caso citado do nascimento da “semântica cognitiva” de dentro da proposta da Gramática Gerativa.

¹⁴ Enquanto pertencentes àquilo que este autor entende por “polêmica”, as controvérsias e as discussões (assim como as disputas) manifestam-se simultaneamente, sendo impossível demarcá-las com exatidão; o que é possível é identificar o tipo dominante, que, neste caso, é a controvérsia.

¹⁵ O enfraquecimento de um PIC consiste no fato de que o conjunto de teorias empregadas por este tem seu poder explicativo menor ante um conjunto de teorias empregadas pelo PIC rival na explicação de um fenômeno.

- GIBBS, JR. (2006) "Cognitive linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, future challenges". In **DELTA**, São Paulo, v. 22. 1-20
- _____. COSTA LIMA, P.L., FRANÇOZO, E., "Metaphor is grounded in embodied experience". In *Journal of Pragmatics* 36, 1189–1211.
- GRADY, J. (1997). "THEORIES ARE BUILDINGS revisited." *Cognitive Linguistics*, 8, 267-290.
- LAKATOS, I. (1998) *História das ciências e suas reconstruções racionais* Edições 70, Lisboa.
- LAKOFF, G., (1993). "The contemporary theory of metaphor". In: Ortony, A. (Ed.), *Metaphor and Thought*, second ed. Cambridge University Press, New York, pp. 202–251
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980, 2002). *Metáforas da vida cotidiana*. (coordenação da tradução: Mara Sofia Zanotto) – Campinas, Mercado das Letras: São Paulo, Educ.
- MCGLONE, M.S. (2007) "What's the explanatory value of conceptual metaphor?", In *Language & Communication* 27, 109–126.
- MURPHY, G. (1996) "On metaphoric representation". In *Cognition* 60, 173–186.